

Romances brasileiros em Portugal no último quartel do Oitocentos: circulação e recepção

Brazilian novels in Portugal in the last quarter of the nineteenth century: circulation and reception

Juliana Maia de Queiroz*

RESUMO: O estudo da literatura embasado em fontes primárias permite ao pesquisador se aproximar não apenas das obras em si, mas de inúmeros elementos envolvendo a produção, circulação e a recepção crítica no período em que estas vieram à luz. Este artigo apresenta inicialmente o contexto português de circulação de romances brasileiros em Portugal por meio de dois catálogos, o da Livraria Internacional de Ernesto Chardron e o da Livraria Bertrand, buscando evidenciar os títulos de romances brasileiros presentes no mercado editorial português da segunda metade do século XIX. Em seguida, busca-se apresentar parte da recepção crítica de José de Alencar e de Machado de Assis em solo lusitano com o objetivo de revelar interesses e diálogos mais abrangentes do que supõem as histórias literárias tradicionais que costumeiramente apontam um movimento quase exclusivo de ruptura entre as Literaturas desses dois países.

PALAVRAS-CHAVE: Fontes primárias; Catálogos de livrarias; Romances brasileiros; Mercado editorial português; Recepção crítica.

ABSTRACT: The literature study based on primary sources allows the researcher to approach not only to the literary work itself but also to numerous elements involving the production, circulation and critic reception. This article first presents some aspects concerning Brazilian novels in circulation in the Portuguese book market by the presentation of two book catalogues from different bookstores: *Livraria Internacional de Ernesto Chardron* e *Livraria Bertrand*. After that, this article presents some extracts from critical reception related to José de Alencar and Machado de Assis in Portugal in the second half of the nineteenth century. The idea is to reveal some interests and relations much more effective than the traditional literary histories assume. It seems to us that there has been much more dialogue between the Portuguese and the Brazil literature than it is usually considered by the traditional literature studies.

KEYWORDS: Primary sources; Book catalogues; Brazilian novels; Portuguese book market; Critic reception.

* Doutora em Teoria e História Literária pela UNICAMP. Professora de Literatura Portuguesa/ Faculdade de Letras (FALE)/Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém - Pará.

É consenso entre os historiados do livro e da leitura reivindicar para o romance o lugar de gênero literário por excelência da Europa e da América ao longo do século XIX. Estudos acerca do gosto literário português oitocentista mostram que a preferência pelo romance teria chegado via traduções de obras francesas primeiro e, depois, se consolidado pela circulação e recepção tanto de obras estrangeiras quanto da expressiva produção de romance nacional. Garret, Herculano, Camilo Castelo Branco, Júlio Dinis, nomes da literatura romântica, dentre outros, figuram em páginas não apenas de periódicos, mas também de catálogos de livreiros, bibliotecas e de gabinetes de leitura portugueses da segunda metade do século XIX.

Tais espaços de leitura não surgiram aleatoriamente no contexto português do Oitocentos. Maria Manuela Tavares Ribeiro conta-nos que ao longo daquele século houve várias iniciativas do governo a fim de estimular a escolarização de homens e mulheres, bem como de práticas de leitura. Nesse sentido, um grande formador de opinião pública e importante componente para a disseminação pelo gosto literário romanesco foi o periódico. A periodicidade da propagação de notícias, romances-folhetins, crônicas, romances seriados e de crítica literária fomentaram um contexto de intensa efervescência cultural igualmente para autores e leitores portugueses. Nesse período, há a publicação de várias obras compondo bibliotecas populares que eram constituídas por coleções de prosa de ficção destinadas a entreter e moralizar, além de ensinar conceitos e fatos históricos, sociais e políticos aos leitores portugueses daquele tempo. Segundo Ribeiro, deve-se a editores como David Corazzi, por exemplo:

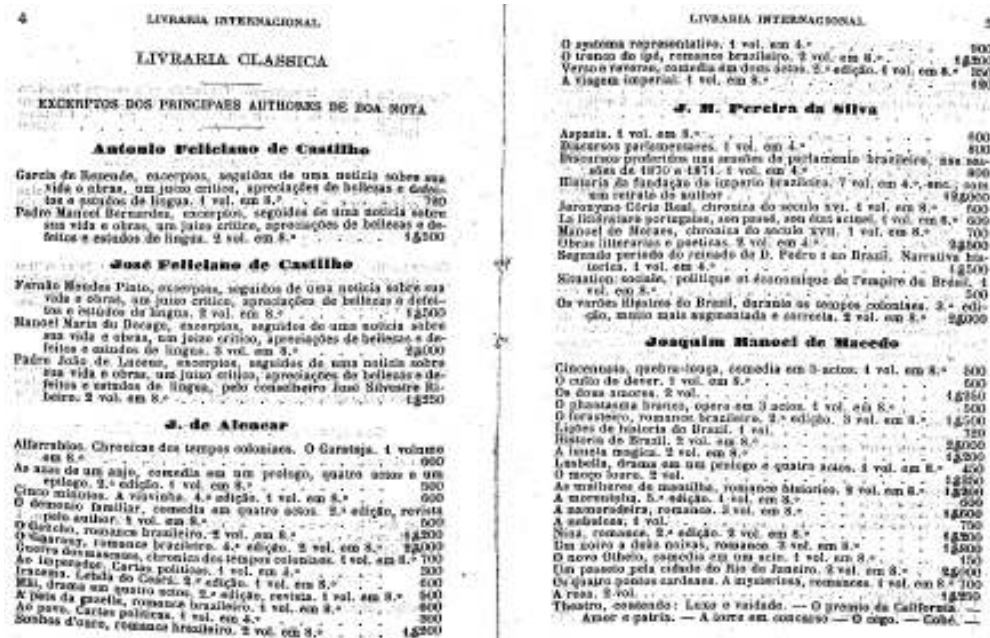
(...) uma notável produção de nove coleções. A primeira, a Biblioteca Selecta Ilustrada, que difundiu obras de Leite Bastos, Gervásio Lobato, Zola, foi inaugurada em 1870. Foi pioneiro na divulgação, entre nós, dos romances de Júlio Verne, que coligiu nas *Viagens Maravilhosas aos Mundos conhecidos e Desconhecidos* (1874-1888). (...) No contexto do debate sobre a questão colonial e da disputa dos ávidos interesses das potências europeias no continente africano, a vulgarização dos romances de Verne (alguns deles alusivos à África) provocou particular impacto. Como outras obras de teor científico e instrutivo faziam parte da coleção *Aventuras de Terra e Mar* (RIBEIRO, 1999, p. 200-201).

O papel dos editores foi fundamental para o crescimento do mercado livreiro em Portugal na segunda metade do século XIX. A maioria de origem francesa, instalada em Portugal desde o século anterior ou início do Oitocentos, esses homens e também mulheres, ligados ao ramo dos livros, investiram em um comércio que se mostrou rentável, a contar pelos catálogos de suas livrarias à disposição dos leitores portugueses na segunda metade do Oitocentos. A pesquisa com esses catálogos chama a atenção de pesquisadores, pois é possível examinar, a partir de suas linhas, diversos dados que vão desde os títulos à venda, passando pelos preços, bem como a materialidade, a possibilidade de se averiguar a maior recorrência de autores nacionais ou estrangeiros, as traduções, além do número de edições etc. Há um universo ricamente encadernado (parodiando a terminologia para descrição de livros presentes nos próprios catálogos) que pode ser explorado a partir do exame dessas fontes primárias específicas.

No que se refere à presença da literatura brasileira em Portugal, destacamos o *Catálogo das publicações brasileiras recebidas pela Livraria Internacional de E. Chardron (1874)*, dedicado exclusivamente ao livro publicado no Brasil a ser vendido em terras portuguesas. Parece-nos ser o único do período exclusivo às obras brasileiras, o que nos leva a crer que o mercado português estava em franca expansão no último quartel do Oitocentos, tanto que poderia investir também na venda de livros d'além-mar ao lado dos nacionais e europeus.

Composto de vinte páginas, este catálogo de livros revela os autores brasileiros em evidência no Brasil na segunda metade do século XIX: José de Alencar; Pereira da Silva; Joaquim Manuel de Macedo; o jovem Machado de Assis; Bernardo Guimarães e Luís Guimarães Júnior, como demonstra a imagem de suas páginas internas:

Catálogo das publicações brasileiras recebidas pela Livraria Internacional de E. Chardron (1874)¹



Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal

Ora, se todos esses livros brasileiros estavam disponíveis ao público leitor português, qual teria sido a reação da crítica literária especializada em relação à literatura brasileira?

Pelo que constatamos até agora, uma parte da crítica enalteceu a nossa literatura, lamentando, contudo, a parca divulgação desta em Portugal. Camilo Castelo Branco, por exemplo, em Noites de Insônia oferecidas a quem não pode dormir (1874), destaca a iniciativa de Chardron ao divulgar e tornar disponível ao público leitor, por meio de seus catálogos e de suas lojas de livros, a literatura brasileira muito pouco conhecida pelos leitores portugueses.

Na contramão, alguns críticos teceram comentários menos elogiosos sobre o que consideravam a incipiente literatura brasileira. O caso que ora destacamos é o de Pinheiro Chagas por ser um autor que ocupou tanto a posição de detrator quanto de defensor, ou seja, primeiro fez severas críticas à literatura brasileira, mas depois parece ter mudado de ideia.

1 Já nos referimos a este catálogo em artigo de 2013. Conferir: QUEIROZ, Juliana M. "Brasil e Portugal: Relações Transatlânticas e Literárias no século XIX" In: Polifonia. Revista do Programa de pós-graduação da UFGM, Cuiabá, 2013. pp 189-203.

Em texto publicado em 1868, intitulado *Literatura Brasileira*, Pinheiro Chagas afirma que apesar de haver talentos na “antiga colônia americana, não se pode dizer que o Brasil possua uma literatura” já que a literatura nacional seria aquela que reflete, como um espelho, uma existência característica. Sendo o Brasil uma “nação moderna, filha da Europa”, em suas palavras, não teria ainda uma “imagem bastante colorida e enérgica” (CHAGAS, 1868, pp. 222-224)². Adiante em seu texto, Pinheiro Chagas tece longos comentários sobre o romance *Iracema*, elogiando o autor brasileiro por sua criação:

Iracema é uma tentativa, uma lenda apenas de 156 páginas, mas em que se revela o estilista primoroso, o pintor entusiasta das paisagens natais, o cronista simpático dos antigos povos brasileiros. Pela primeira vez aparecem os índios, falando a sua linguagem colorida e ardente, pela primeira vez se imprime fundamente o cunho nacional n´um livro brasileiro, pela primeira vez são descritos os selvagens com aqueles toques delicados (...) a musa nacional solta-se enfim dos laços europeus, e vem sentar-se melancólica e pensativa, à sombra das bananeiras, vendo o sol apagar o seu facho ardente na perfumada orla das florestas americanas (CHAGAS, 1868, p. 219-220).

Para o crítico, Alencar seria o escritor brasileiro que teria se aproximado mais da cor local, constituindo assim uma iniciativa literária importante, derivando daí seus elogios mais entusiasmados, tanto que o crítico compara o romancista brasileiro ao norte-americano Fenimore Cooper, cujas obras teriam circulado no século XIX no Brasil e em Portugal. Contudo, a segunda parte do texto revela um Pinheiro Chagas bastante incomodado com o que ele considerava ser o grave defeito dos livros brasileiros: “a falta de correção na linguagem portuguesa ou, antes, a mania de tornar o brasileiro uma língua diferente do velho português, por meio de neologismos arrojados e injustificáveis e de insubordinações gramaticais” (p. 221).

Não por acaso Pinheiro Chagas adotou uma postura rígida em relação ao que ele classificava como corrupção da língua portuguesa por parte dos autores brasileiros no

² Atualizamos a ortografia dessa e das demais citações do texto.

que diz respeito, sobretudo, à correção gramatical. Não se pode perder de vista que ele foi um escritor ligado ao grupo literário mais conservador da segunda metade do século XIX em Portugal, liderado por Antonio Feliciano de Castilho, grupo esse que seria duramente combatido pela famosa Geração de 70, dando origem ao movimento realista na literatura desse país³.

Contudo, Alencar também ganhou elogios pelo seu talento “reputado por seus patricios como um dos ornamentos mais distintos da atual literatura no Brasil” (SILVA, 1866, pp. 244-246), na voz de Inocência Francisco da Silva e, de igual modo, foi destacado por outro crítico português, Romeo Júnior, que o localizou “(...) entre os mais ilustres da inteligência brasileira” (JÚNIOR, 1866, pp. 6-7).

Até mesmo o próprio Pinheiro Chagas, quando da passagem de Alencar por Portugal, buscou corrigir sua apreciação um tanto quanto negativa em relação ao autor brasileiro, informando aos leitores que estes poderiam encontrar os livros deste romancista na Livraria Bertrand e na Livraria Internacional de E. Chardron. A menção a esses dois livreiro-editores não é fortuita. Conforme já mostramos anteriormente, no *Catálogo das publicações brasileiras recebidas pela Livraria Internacional de E. Chardron* (1874) encontramos dezessete títulos de Alencar ao lado de outros tantos de Joaquim Manoel de Macedo e de Pereira da Silva, revelando uma ampla oferta de títulos brasileiros à disposição dos leitores portugueses.

No catálogo da Livraria Bertrand contabilizamos, na seção dedicada a romances nacionais e traduzidos, doze obras de Alencar. A título de ilustração, vejamos a capa do catálogo com dados preciosos. Trata-se de um extrato de um acervo supostamente maior, indicando aos leitores que havia muito mais livros à disposição do público consumidor na Livraria Bertrand. Além disso, há a especificação quanto ao tipo de livro: são livros em língua portuguesa, antigos e modernos. Os termos antigos e modernos se referem à presença tanto de obras de séculos anteriores quanto àquelas mais próximas à data de publicação do catálogo (1876). Na segunda imagem, temos uma das páginas internas desse catálogo com títulos de

³ Cf. Verbete “CHAGAS, Manuel Joaquim Pinheiro”. In: *Dicionário do Romantismo Literário Português*. Coordenação Helena Carvalhão Buescu. Lisboa: Editorial Caminho, 1997. p. 88-89.

Alencar e de outros autores brasileiros, como Bernardo Guimarães e Joaquim Manuel de Macedo, por exemplo, ao lado de autores portugueses e de outras nacionalidades, revelando uma oferta de obras bastante significativa:

Viúva Bertrand & C.^a - Catálogo (extrato) de livros portugueses antigos e modernos à venda nesta livraria (1876).



Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal

Viúva Bertrand & C.^a - Catálogo (extrato) de livros portugueses antigos e modernos à venda nesta livraria (1876).

Inocente e culpado, por A. de Laver- gne, 8.º 2 vol. 1863—600 réis.	Lady Melmoth, 8.º 2 vol. 1837—200 réis.
Instantes do heroe subtil, 8.º 1794— 500 réis.	Leões (A) d'Autueil, por P. de Kock, 8.º 1866—600 réis.
Inveja (A), por E. Sue, 8.º 3 vol.— 700 réis.	Lampada (A) do santuario, por Wisse- man, 8.º Rio de Janeiro—160 réis.
Ira (A), por E. Sue, 8.º—240 réis.	Les Amalia, por Anna Marie, 8.º 2 tom. 1835—600 réis.
Iracema, lenda do Ceará, por Alencar, 8.º Rio de Janeiro—600 réis.	Leiteira (A) de Montfermeil, por P. de Kock, 8.º 4 vol. 1843—750 réis.
Irmã, ou as desgraças de uma joven, 8.º 4 vol. 1805—800 réis.	Leitura para todos (Collecção de roman- ces), 8.º 2 vol.—600 réis.
Irmãos (Os) da Costa, por Manuel Gen- calves, 8.º 2 vol. 1836—600 réis.	Leitões e romances, por Bernardo Gui- marães, 8.º Rio de Janeiro—600 réis.
Irmãos (Os) da resurrecção, por Rey- nolds, 8.º—400 réis.	Leona, por Soulié, 8.º 2 vol. 1848— 480 réis.
Ismalia, por d'Artincourt, 8.º 2 vol. 1836—650 réis.	Leonia, ou os disfarces, por Lafontaine, 8.º 2 vol. 1812.
Isabel Cromwell, por Hermanegilde Cor- reia, 8.º 4 vol.—1,200 réis.	Leonello, por Bresiani, 8.º 2 vol.— 1,200 réis.
Isabella Orsini, por Guerrazzi, 8.º 1835 —300 réis.	Lava (O) agua no bico, 8.º Rio de Ja- neiro—300 réis.
Jacques Arleville, por Arleincourt, 8.º 2 vol. 1814—480 réis.	Lobo (O) negro, por Montepin, 8.º 1863 —300 réis.
Jacques Clemente, (fr.) por Almeida Vilhena, 8.º 1852—240 réis.	Lord (O) das ilhas, por W. Scott, 12.º 1839—300 réis.
Jacques e Georgeta, 8.º 4 tom. 1838— 200 réis.	Louca (A) de Pelvoux, por E. Berliet, 8.º 2 vol.—720 réis.
Jarilla, por D. Carolina Coronado, 8.º 2 vol. 1857—720 réis.	Lucia, por Housseye, 12.º 2 vol. Rio de Janeiro—600 réis.
Jesuíta (O), por Alencar, 8.º Rio de Ja- neiro—600 réis.	Luciola, perfil de mulher, 12.º Rio de Janeiro—600 réis.
João de Tommeray, por Sandeau, 8.º— 300 réis.	Luneta (A) magica, por Manuel de Ma- ceio, 8.º 2 vol. Rio de Janeiro— 1,200 réis.
Joven (A) aldena, 8.º Porto, 1861— 130 réis.	Luiz XIV e o seu seculo, por Dumas, 8.º 4 vol. 1822—6,000 réis.
Joven (A) cega, por M. ^o de Montolieu, 8.º 1837—300 réis.	Luiz de Winchester, 8.º 2 tom. 1812— 200 réis.
Joven (Um) encantador, por P. de Kock, 8.º 4 vol. 1846—650 réis.	Luizinha, ou o orgulho cruzado, 8.º 1836—160 réis.
Joven (O) eremita, por Schemál, 8.º 1851—120 réis.	Madovia e Frederico, 8.º 1823—100 réis.
Joven (A) penitente, por M. ^o de Gen- lis, 8.º 1829—160 réis.—600 réis.	Madame Botte, 8.º 3 vol. 1835—480 réis.
Juizo do mundo, 8.º 2 vol.—600 réis.	Mademoiselle Claspalza, por Housseye, 12.º Rio de Janeiro—600 réis.
Julia de Tylcoeur, por Fenillet, 8.º Por- to, 1872—300 réis.	
Justica dos lochemicos, por Terrail, 8.º 2 vol. Porto—1,000 réis.	

Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal

Note-se que, de José de Alencar, temos nesta página três títulos: *Iracema*, *lenda do Ceará* (romance, 1865); *O Jesuíta* (teatro, 1875); *Luciola*, *perfil de mulher* (romance, 1862). Entretanto, nas outras páginas do catálogo, temos ainda: *Cinco minutos* (1856); *Diva* (1864); *O Ermitão da Glória* (segundo volume de Alfarrábios, 1873); *O Gaúcho* (1870); *O Guarani* (1857); *As minas de prata* (1865); *A pata da gazela* (1870); *O Sertanejo* (1875); *O tronco do Ipê* (1871). Destaca-se, ainda, a presença de obras que haviam sido publicadas no Brasil apenas um ano antes da confecção do catálogo (1876), como é o caso de *As minas de prata*, por exemplo. Essa sincronia na oferta de livros nos dois lados do Atlântico revela um trânsito efetivo de obras literárias entre os dois países. Muito provavelmente, o mercado livreiro tenha impulsionado, inclusive, a mudança na apreciação crítica em relação aos autores brasileiros em solo lusitano.

Se tomarmos o intervalo entre o ano de 1868, por exemplo, data da publicação do texto de Pinheiro Chagas em que este teceu severas críticas ao romancista brasileiro, e 1873, ano em que atuava como um dos redatores do periódico *O Brasil*, de ampla circulação em várias cidades portuguesas e províncias brasileiras, observamos que sua rigidez parece ter dado lugar a um discurso bem mais ameno:

Com muita mais facilidade se estuda na nossa terra a literatura chinesa do que a literatura brasileira. E não se imagine que exagero. Os editores parisienses mandam para Lisboa, entre as novidades de livraria, os romances chineses traduzidos por Stanislas Julien, o célebre sinólogo que faleceu há poucos dias; ao passo que do Brasil as únicas novidades que para cá nos vem são café, açúcar e bananas. Ora, eu não desprezo as bananas, o açúcar e o café, mas gostava que viessem também alguns livros revelar ao público português que os ignora absolutamente, os esplendores da literatura brasileira (CHAGAS, 1873, p.1) ⁴.

Publicado em 25 de março de 1873, na primeira página, sob o título de *Bibliografia Brasileira* o texto de Pinheiro Chagas é bastante elogioso acerca dos escritores brasileiros e, inclusive, enaltece José de Alencar com honrosos predicados, chegando a admitir que o texto crítico a *Iracema*, publicado em 1868, é “pobre, defeituoso e incompleto”. Cinco anos depois, ao escrever para um periódico que, em suas palavras, “assumiu e desempenha cabalmente a missão de ligar os dois povos entre si, de os tornar mais conhecidos, de fazer com que mutuamente se apreciem” (CHAGAS, 1873, p.1), o crítico português afirma ter como objetivo contribuir, como redator de *O Brasil*, para que as relações literárias entre Portugal e Brasil se estreitem. Para tanto, pretende comentar alguns dos livros que lhe chegam dos “inúmeros paquetes que estabelecem entre os dois hemisférios uma verdadeira ponte flutuante” (CHAGAS, 1873, p. 1).

E um dos autores que lhe chegara à mesa era o jovem Machado de Assis por meio de seu romance *Ressurreição* (1872), cujo estilo é elogiado por Pinheiro Chagas:

⁴ Atualizamos a ortografia dessa e das demais citações do presente texto.

Mas o que não se pode deixar de admirar neste belo livro é a encantadora sobriedade do estilo, o fino toque de um lápis prestigioso, e o delicado estudo de uns certos cambiantes da paixão, que revelam em Machado de Assis um escritor fadado para os estudos psicológicos, que são a base principal do romance íntimo na sua acepção mais elevada (CHAGAS, 1873, p.1).

Interessa ressaltar que Pinheiro Chagas enaltece a tendência machadiana para o estudo psicológico como contraponto a uma visão supostamente estereotipada que os leitores do periódico poderiam ter dos escritores brasileiros como autores de narrativas em torno apenas da cor local:

Poeta dos salões, romancista da sociedade mais distinta, Machado de Assis entendeu e entendeu bem que não devia apresentar-se com chapéu de palha de roceiro, casaco de cetim branco etc a pretexto de calor e de cor local. Vestiu pelo contrário a sua casaca francesa, calçou as luvas cor de pérola, sem que isso de modo nenhum prejudicasse a originalidade de seu espírito. Porque efetivamente, se o estilo de Machado de Assis tem todo o cunho europeu, respira o gracioso aroma parisiense, isto não quer dizer que o escritor brasileiro copie os parisienses e imite os europeus (CHAGAS, 1873, p.1).

Muito semelhante, nesse sentido, é a opinião do próprio Machado de Assis em seu conhecido texto “Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade”, publicado no mesmo ano (1873) em que Pinheiro Chagas faz a apreciação do romance *Ressurreição* no periódico *O Brasil*, em Lisboa. Tanto Machado quanto Chagas apontam como uma das principais características da literatura brasileira o tratamento da cor local e dos usos e costumes da realidade brasileira, sobretudo nos romances, o gênero mais apreciado nos dois lados do Atlântico àquela altura. Haveria, contudo, uma vertente ainda pouco explorada no romance brasileiro sobre a qual assim se posiciona Machado:

Aqui o romance como tive ocasião de dizer, busca sempre a cor local. A substância, não menos que os acessórios, reproduzem geralmente a vida brasileira em seus diferentes aspectos e situações. Não faltam a alguns de nossos romancistas qualidades de observação e de análise, e um estrangeiro não familiar com os nossos costumes achará muita página instrutiva. Do romance puramente de análise, raríssimo exemplar temos (...) Pelo que respeita à análise de paixões e caracteres são muito menos comuns os exemplos que podem satisfazer à crítica; alguns há porém, de merecimento incontestável. Esta é, na verdade, uma das partes mais difíceis do romance, e ao mesmo tempo das mais superiores. Naturalmente exige da parte do escritor dotes não vulgares de observação, que, ainda em literaturas mais adiantadas, não andam a rodo nem são a partilha do maior número (ASSIS, 1997, p. 806) ⁵.

Nota-se para além da simultaneidade da publicação de apreciações semelhantes acerca da literatura brasileira nos dois lados do Atlântico, a opinião explícita do crítico português de que Machado de Assis seria o romancista brasileiro que justamente superaria os limites do tratamento exclusivo da cor local em sua obra ao lançar mão do romance de cunho psicológico. Tal feita, segundo Pinheiro Chagas, se constituiria por meio de uma linguagem apurada e elegante no tratamento dos "cambiantes da paixão" escritos com "lápiz prestigioso" (CHAGAS, 1873, p.1). Machado, por sua vez, ao apontar a raridade e a dificuldade de se encontrar exemplares do que ele chama de "romance puramente de análise" (ASSIS, 1997, p.807) não deixa de se referir, ainda que indiretamente, ao início de sua produção romanesca que, a esta altura, buscava dialogar com um universo ficcional mais psicológico e analítico, termos usados pelos dois críticos e escritores em cena.

Outra voz coetânea tanto de Machado quanto de Pinheiro Chagas que aponta a novidade temática e estilística do romance de estreia de Machado de Assis é a do brasileiro Luís Guimarães Júnior, poeta, jornalista e "folhetinista elegante e jovial", segundo Machado de Assis (p. 807). Guimarães Junior enaltece a construção com "cuidado e garbo" do personagem Dr. Félix no romance *Ressurreição*, mas segundo ele, os demais personagens "empalidecem ao pé do herói", motivo pelo qual, segundo o crítico:

⁵ Texto publicado pela primeira vez no periódico Novo Mundo, edição de 24 de março de 1873

(...) o livro de Machado será muito estudado, mas por muito pouca gente. Não é um romance que atraia o vulgo: é sim um quadro que chama o olhar dos entendidos e a atenção dos amigos de boa e eficaz literatura. O estilo é acurado, é trabalhado, é desenvolvido com uma solicitude às vezes exagerada, e que em um ou em outro ponto parece pertencer mais aos arabescos da arte do que à espontaneidade do sentimento (JUNIOR, 1872, p. 3 apud GUIMARÃES, 2004, p. 135).

Em estudo sobre a figuração de leitor nos romances de Machado de Assis e sua recepção crítica, Hélio de Seixas Guimarães aponta o estranhamento de críticos brasileiros à época da publicação de *Ressurreição* em relação à falta “das paixões violentas, das grandes tempestades do coração e da espontaneidade do sentimento” no romance de estreia machadiano.

Nesse sentido, acostumados a uma literatura com contornos tipicamente românticos e ao tratamento da cor local, destaca-se que tanto o brasileiro Luís Guimarães Junior quanto o português Pinheiro Chagas de certa forma previram quase que simultaneamente que o romance de estreia de Machado não atenderia às expectativas de leitores acostumados a “bananeiras e jabuticabas”, como jocosamente afirmou o crítico português (CHAGAS, 1873, p. 1).

O caso específico da recepção crítica de Pinheiro Chagas a José de Alencar e a Machado de Assis é ilustrativo não apenas da recepção de dois nomes consagrados das letras brasileiras em terras portuguesas, mas, sobretudo, do alcance ou tentativa de estreitamento das relações literárias e editoriais entre esses dois países. Não nos esqueçamos de que Alencar e Machado não foram os únicos a serem apreciados pelo crítico português que se voltou também a Pereira da Silva e ao poeta Castro Alves, dentre outros.

Além disso, o registro de Pinheiro Chagas em um periódico voltado para leitores portugueses e brasileiros dos dois lados do Atlântico ganha contornos relevantes para um olhar mais preciso das relações literárias entre Portugal e sua antiga colônia na América na segunda metade do século XIX, período em que o gênero romance

ganhou a atenção de leitores, livreiros e editores. Esse novo ângulo revela interesses e diálogos mais abrangentes do que supõem as histórias literárias tradicionais que costumeiramente apontam um movimento quase exclusivo de ruptura entre as literaturas desses dois países. Assim, o exame das fontes primárias em foco (catálogo de livros e textos de recepção crítica, publicados tanto no suporte livro quanto em periódico) traz à luz aspectos pouco explorados que uma análise puramente histórica ou estilística do texto literário - sem levar em consideração seu contexto de produção, circulação e recepção - não permitiria.

Referências

- ASSIS, Machado de. “Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de Nacionalidade”. In: Machado de Assis. *Obras Completas*. Volume III. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1997.
- BRANCO, Camilo Castelo. “Literatura Brasileira”. In: *Noites de Insônia oferecidas a quem não pode dormir*. Porto/Braga: Livraria Internacional de Ernesto Chardron e Eugénio Chardron, 1874.
- CHAGAS, Pinheiro. “Bibliografia Brasileira”. In: *O Brasil*. 3º ano, número 69. Lisboa, edição de 25 de março de 1873.
- _____. “José de Alencar”. In: *Diário da Manhã* Lisboa, nº 365, 1ª página, edição de 21 de setembro de 1876.
- _____. “Literatura Brasileira”. In: *Novos Ensaios Críticos*. Porto: Viúva Moré Editora, 1868.
- GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis. O romance machadiano e o público de literatura no século XIX*. São Paulo: Nankin Editorial: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- JÚNIOR, Romeo. *As letras no Brasil. Duas palavras acerca de um folheto do Sr. Antero de Quental*. Braga: Tipografia de Domingos G. Gouvea, 1866.
- RIBEIRO, Maria Manuela Tavares. “Livros e Leituras no século XIX”. In: *Revista de História das Ideias*. O Livro e a Leitura. Volume 20. Coimbra: Faculdade de Letras, 1999.
- SILVA, Inocêncio Francisco da. “José de Alencar”. In: *Arquivo Pitoresco, Semanário Ilustrado*. Lisboa, 1866.